



O FRESBEE E O RUGBY NO COTIDIANO ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COM A CULTURA CORPORAL

Marcelo Paraiso Alves, Arnaldo Montenegro Neto Campos

Resumo

A pesquisa configura-se a partir de dois objetivos que se complementam: apresentar e divulgar as ações pedagógicas desenvolvidas em uma escola de ensino fundamental da rede municipal de educação de Volta Redonda; segundo, discutir as práticas que emergem do rúgbi e do fresbee como possíveis linguagens corporais (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O estudo se estruturou por meio da participação no Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar, entrelaçado ao “Projeto Sábado na Escola”. Como metodologia a pesquisa utilizou os estudos do cotidiano (ALVES, 2008), na intenção de apreender as práticas dos sujeitos que emergiram durante as aulas.

1. INTRODUÇÃO

O contexto no qual a pesquisa se desenvolveu foi uma escola de ensino fundamental da rede municipal de educação de Volta Redonda no ano de 2009.

Ao vivenciarmos o cotidiano da escola, por meio do Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar, percebemos que a perspectiva Competitivista (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003), ainda influencia a prática da Educação Física, onde o docente reduz às aprendizagens ao gesto de desportivo.

Outro aspecto vivenciado em nossa inserção no cotidiano escolar (ALVES, 2008), mais especificamente no “Projeto Sábado na Escola” – Escola Mato Grosso do Sul -, foi o comportamento que emerge na sociedade atual: a competição acirrada entre os alunos e em decorrência o individualismo exacerbado.

Os alunos durante várias ocasiões de jogo – futsal, futebol society, basquetebol e handebol - demonstravam atitudes individualistas, promovendo uma série de ações exclusórias: menos habilidoso, o obeso, o baixinho, o desajeitado, sempre permaneciam em situações marginais.

Diante do referido contexto, nos deparamos com diversos questionamentos: A origem do individualismo exteriorizado pelos alunos emerge do contexto social? Quais as propostas da escola para minimizar esse comportamento dos alunos? É possível intervir e modificar o quadro de exclusão social pela qual perpassam os alunos menos habilidosos? O individualismo exacerbado produz um código civilizatório? Qual o papel da Educação Física no interior da escola? O comportamento identificado são conseqüências das práticas pedagógicas do passado (Competitivismo)?

Diante do contexto apresentado e refletindo sobre o papel da Educação Física escolar, na perspectiva da Cultura Corporal, passamos a pensar outras possibilidades de intervenção no cotidiano da escola.

Nesse sentido, escolhemos o rúgbi e o fresbee como formas de ampliação da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) vivenciada pelos alunos, promovendo possíveis intervenções, tensões, conflitos debates.

A opção pelas referidas modalidades deve-se ao fato de possuírem determinados valores: respeito mútuo, integração social, autonomia, solidariedade, cooperação, o que nos



permitiu interferir, por meio de temáticas – individualismo, exclusão social –, nos problemas que afetam o cotidiano escolar, mas que emergem do contexto social.

Nessa perspectiva, o rúgbi e o fressbee, como esportes “*da escola*”, estando adequado às características e necessidades psicomotoras e psicossociais das crianças, possibilitou algumas intervenções no contexto social pesquisado.

Como escopo metodológico o estudo utilizou a pesquisa bibliográfica, na intenção de constituir um arcabouço teórico que nos permitiu fundamentar uma proposta de intervenção na escola utilizando as referidas linguagens corporais – rúgbi e fresbee - como conteúdos possíveis de serem abordados na Educação Física Escolar. Buscamos ainda os trabalhos de Certeau (1994), Ferraço (2008) e Alves (2001) para entrecruzarmos aspectos teóricos sobre o cotidiano escolar e as observações realizadas em um caderno de campo. Nessa perspectiva as ações dos sujeitos são concebidas como constitutivos de cultura, subjetividades e diversidades que emergem de locais pluritópicos¹, pois como menciona Certeau (1994), ao admitir que as atividades humanas são eminentemente culturais, não basta ser autor de práticas sociais, é fundamental que tais práticas assumam um “*significado*” para aqueles que a realizam.

As observações realizadas aos sábados (8h às 12 h) no período de março a julho, nos permitiram ir para além de um simples movimento filosófico, mas experimentar atividades e discussões com os discentes dos anos finais do ensino fundamental. A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações, utilizando os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade (ALVES, 2008). Não consiste em apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

2. LINGUAGEM CORPORAL E RÚGBI: POSSÍVEIS AÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR

Pensar a Educação Física no contexto escolar e os seus desdobramentos e entrelaçamentos com as histórias locais nos permite pensar a expressão corporal como linguagem.

A abordagem crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992) menciona que o homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para vários aspectos – lúdico, artístico, agonístico, estético, dentre outros – que são representações e idéias produzidas pela consciência social – significações objetivas.

Em face da relação mencionada – significações objetivas -, o sujeito, na perspectiva da linguagem corporal, estabelece um sentido pessoal onde exprime a sua subjetividade, isto é, “relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 62).

Segundo essa ótica Vaz (2002) considera que o “corpo é um dos mais fortes vetores de construção de identidade no mundo contemporâneo, expressão de diferentes linguagens que encontram lugar, entre outros nas ciências, artes e nos esportes” (p.91).

Compreendendo o esporte a partir da abordagem crítico-superadora, percebemos que não se trata somente de aprender o jogo pelo jogo, a dança pela dança, ou o esporte

¹ Tópica – Teoria dos lugares lógicos e a arte de inventá-los (ABBAGNANO, 2003, p. 963). A partir da perspectiva de Mignolo (2003) consideramos que os sujeitos são constituídos em múltiplos locais (classe social, crença, gênero, raça, dentre outros).



pelo esporte, mas esses conteúdos devem ser contextualizados, a fim de que possa ter sentido e significado e assim ser instrumento para o aluno ler e interpretar a realidade em que está imerso.

A abordagem Crítico-superadora defende uma perspectiva de argumentação engenhosa, fundada no diálogo entre sujeito e a constituição histórico-social do conteúdo, ou seja, a relação entre o conteúdo e a realidade dos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, os conteúdos devem estar articulados diretamente à realidade dos alunos, para que estes possam compreendê-los a partir do entrecimento com os dados empíricos que emergem do contexto em que a escola se insere.

Os conteúdos da cultura corporal a serem apreendidos na escola devem emergir da realidade dinâmica e concreta do mundo do aluno. Tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum, o professor orientará, através dos ciclos, uma nova leitura da realidade pelo aluno, com referências cada vez mais amplas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 87).

Foi, portanto, pensando os problemas percebidos no cotidiano da escola que optamos em estabelecer o diálogo com a referida modalidade esportiva, pensando ser o rúgbi um conteúdo capaz de possibilitar a reflexão sobre as manifestações culturais, contribuindo para a afirmação do aspecto judicativo das camadas populares, pois desenvolve a reflexão sobre os valores como: solidariedade, negando a exploração e subjugação do homem sobre o homem.

3. RÚGBI: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS “NA/DA” ESCOLA.

O rúgbi é um jogo fácil de aprender devido a simplicidade técnica da progressão individual com a bola e a acessibilidade da finalização, que por si só já é um fator motivacional. No entanto, a situação do jogo pode parecer algo complexo devido a diversidade de situações, por esta razão no ensino do rúgbi, aconselhamos que aconteça, por meio da aquisição progressiva de algumas situações, conforme descreveremos a seguir.

Pensando na prática do rúgbi e as suas possibilidades pedagógicas, somadas as situações a serem consideradas - os limites de cada escola, as singularidades dos alunos que realizam as aulas de Educação Física (a questão de gênero, alunos mais habilidosos e menos habilidosos, crianças em fases de desenvolvimento motor diversificado, dentre outras) – optamos em desenvolver a prática do rúgbi - na Escola Mato Grosso do Sul -, por meio do jogo do ultimate frisbee e do bitoque, que são jogados conforme as descrições a seguir:

O ultimate frisbee é um esporte praticado com um disco de 175 gramas, combinando a destreza do rúgbi com a finta e a marcação do basquete. O objetivo do jogo é apanhar o frisbee em uma zona de pontuação. Duas equipes de 7 jogadores cada, competem para marcar o maior número de gols possíveis. Os integrantes da equipe atacante passam o frisbee de jogador para jogador. Ao recebê-lo, deve fixar um pé de pivô (ao estilo do basquete) e passá-lo antes de 10 segundos. Os integrantes da equipe de defesa devem impedir que os atacantes recebam o frisbee na zona de pontuação.

Já o jogo do

bitoque inicia com seis alunos por equipe. A bola utilizada no jogo é a mesma do rúgbi. O campo de jogo constitui-se em um terreno plano, preferencialmente de grama natural, com dimensões de quarenta metros por trinta de largura (40mx30m), ou em um espaço similar. A área de pontuação, de ambas as equipes, localiza-se após os quarenta



metros ou após as linhas limítrofes do campo quando este não obtiver as dimensões enunciadas. Qualquer jogador com a bola nas mãos pode correr livremente com ela ou passá-la. O portador da bola pode ser parado pela ação defensiva de um companheiro do outro time por meio de um bitoque. O bitoque constitui-se de um toque com ambas as mãos, simultaneamente, no corpo do adversário que conduz a bola. Ao ser tocado o aluno perderá a posse de bola que será recolocada em jogo, por meio de um “Pontapé Livre”. O objetivo do jogo é colocar a bola dentro da zona de pontuação, denominada: linha de ensaio.

Existe uma grande vantagem no bitoque rúgbi, que é o fator de não ocorrer impacto entre os alunos o que poderia acarretar, entre as crianças e os adolescentes uma sensação de medo, pois segundo Cordovil *apud* Vieira (2002, p.03) “o rúgbi é um esporte coletivo de combate mais do que de circulação. Para jogar rúgbi é necessário desenvolver a coragem, inteligência e o espírito esportivo”.

De acordo com a ABR (Associação Brasileira de *Rugby*), o bitoque surge em Portugal como uma alternativa de abordagem do rúgbi nas escolas, onde é muito difícil encontrar espaço para praticar essa modalidade. Sendo assim, o bitoque rúgbi é uma boa opção por ser uma adaptação para pisos duros.

O bitoque rúgbi é um jogo único, fácil de jogar, envolve situações muito variadas e pode ser praticado por equipes mistas em pequenos espaços existentes nas escolas, permitindo a realização do rúgbi “da” escola (CAPARROZ, 1997).

Assim, pensando na complexidade da prática do rúgbi no cotidiano de uma aula de Educação Física na escola, optamos em minimizar o contato corporal entre os participantes do jogo na tentativa de desmitificar o esporte como sendo uma prática esportiva violenta, e que acarreta lesões em seus praticantes. Ao mesmo tempo, a tentativa foi de universalizar sua prática como uma possível expressão corporal, e, portanto, uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos da escola. “A sua ausência impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 42). Como entender a realidade complexa sem uma reflexão sobre a cultura corporal humana? Como exigir que os alunos compreendam a inserção do rúgbi nos Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil sem uma reflexão?

Foi pensando nas questões explicitadas e na intenção de possibilitar o acesso da referida modalidade aos alunos, democratizando saberes e proporcionando processos emancipatórios, que priorizamos a discussão do individualismo exacerbado dos alunos através do fresbee e do rúgbi.

4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EDUCACIONAL

Segundo SANTOS (2006), a Educação Física hoje é considerada, umas das disciplinas mais importantes do currículo educacional, sendo responsável não só pela formação do homem propriamente dito, mas, também, introdutor desse mesmo homem como ser social, integrando-o na sociedade como um cidadão.

Para o autor, o adolescente e o jovem, através do esporte, aprendem que entre eles e o mundo existem os outros, aprendem a refletir o contexto social em seu entorno, desenvolvem a autonomia e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, a consciência corporal, dentre outros.



Partindo da premissa exposta pelo autor, trabalharemos com a ótica de Santos (2006), “Esporte na Escola” e o “Esporte da Escola”. O autor expõe a diferença entre as duas formas de expressão conforme podemos ver na tabela a seguir:

Esporte na Escola	Esporte da Escola
<ul style="list-style-type: none">- Reprodução de regras já existentes e rígidas.- Busca pela melhoria do gesto técnico.- Sempre tem que haver um campeão.- Há exclusão dos não aptos ou menos habilidosos.- Os jogos já existem pré-determinados.- Existe um profissional técnico.- Necessidade de materiais específicos.- Não há criatividade na construção das atividades.- Realização podendo ou não ser prazeroso (sem ludicidade).- Separação por sexo.- Aumenta a complexibilidade das habilidades motoras.	<ul style="list-style-type: none">- Regras flexíveis e modificáveis de acordo com o interesse e necessidade dos alunos.- Busca pela participação coletiva, sem se importar com o gesto técnico.- O importante é a participação coletiva.- Há inclusão, já que não prioriza o melhor nem o mais capaz.- Os jogos são criados e idealizados com a participação dos alunos.- O profissional é um mediador das atividades, podendo intervir quando necessário.- Não há necessidade de materiais, já que podem ser utilizados materiais alternativos.- Existe criatividade na construção dos jogos.- Sempre existe lúdico.- Não há separação por sexo.- Diminui a complexibilidade das habilidades motoras.

Tendo identificado diversos conflitos e tensões entre os alunos, onde o ponto central era individualismo, iniciamos a intervenção pedagógica utilizando o ultimate frisbee, modalidade esta desconhecida pelos alunos, porém a qual se aproxima do esporte a ser implementado: o rúgbi.

A razão pela qual optamos em iniciar os trabalhos com o frisbee, se deve pela possibilidade de desenvolvimento da autonomia, presente durante a prática deste jogo, pois os próprios jogadores arbitram a partida. O ultimate frisbee, mesmo em competições oficiais, não possui árbitros específicos para intervir no jogo. Todas as ações são decididas pelos sujeitos envolvidos na referida prática desportiva.

Partíamos da premissa de que ao trazer o rúgbi para o meio escolar poderíamos obter mudanças nas atitudes dos alunos, pois ao promover novas aprendizagens, provocaríamos desequilíbrios momentâneos, nas habilidades dos alunos, ou seja, os mesmo alunos que em outras modalidades esportivas (futsal, futebol, voleibol, dentre outros) eram jogadores que se destacavam por sua destreza com a bola e ações corporais do desporto já conhecido e praticado. Durante as atividades com os novos jogos (frisbee e bitoque – rúgbi) saíam do “lugar” de poder e “status” de bons jogadores para um jogador comum que inicia novas aprendizagens. Nesse momento, era possível inclusive jogar com maiores



igualdades de condições entre os alunos do sexo oposto. Segundo Santos (2006) a possibilidade de jogos mistos é uma característica do esporte *da escola*.

Assim as intervenções foram realizadas reiterando as possibilidades de participação efetiva dos alunos no decorrer das aulas. Com o decorrer das atividades fomos percebendo a melhoria na aceitação de boa parte da turma e o interesse na nova modalidade esportiva.

Um exemplo da mudança de atitude de alguns alunos evidencia-se por meio de um acontecimento ocorrido posteriormente o início das intervenções: Uma das merendeiras da escola narrou que durante um dos finais de semana teve que ir para o campo de futebol society, onde realizávamos nossas aulas de Educação Física, brincar com dois de seus filhos que eram nossos alunos. Um detalhe importante é que eles utilizaram uma tampa de panela para brincar de frisbee.

É relevante trazer a narrativa mencionada para a nossa reflexão, pois percebemos que o esporte “da escola” passou a estar presente no cotidiano de nossos alunos uma vez que ao brincar com a mãe, já não priorizavam apenas caracterizar o melhor e o mais capaz, mas a possibilidade de recriação, idealização de jogos com a participação dos sujeitos singulares presentes naquele espaço/tempo: tampa de panela e com diversidade de pessoas de outras faixas etárias.

Outro aspecto que nos permite perceber a diferença do comportamento dos alunos era quando terminava o jogo de bitoque ou o jogo de frisbee e permitíamos que os alunos jogassem o futebol society. Inclusive esse era um acordo para que eles jogassem as novas modalidades esportivas – depois das práticas esportivas já mencionadas os alunos poderiam jogar o futebol society.

Por diversas vezes nos deparamos com a seguinte situação: no jogo de frisbee ou rúgbi, o riso, o caráter lúdico, a prazerosidade estavam sempre presentes, o que em vários momentos faltava no jogo de futebol, pois encaravam o jogo com caráter competitivo, e, portanto, dificultavam a participação de alunos menos habilidosos e das meninas.

Já as aulas com as modalidades desconhecidas pelos alunos – bitoque e o frisbee - eram mais dinâmicas e divertidas, os alunos interagiam entre eles e sempre buscavam estratégias em conjunto, buscando soluções para os problemas propostos por nós ou que emergiam das próprias ações de jogo. Fazíamos a inserção das meninas nas atividades possibilitando que todos trabalhassem em conjunto.

O rúgbi traz essa característica com ele, o indivíduo não consegue jogar individualmente, ele sempre vai precisar de seus companheiros para elaborar uma jogada ou um jeito de impedir a ação dos colegas do outro time.

As atividades foram feitas todas em equipe com o ensinamento gradual do esporte sofrendo várias modificações para ser apreendido mais rapidamente pelos alunos. Como já foi dito tudo sofria algum tipo de alteração, jogamos em quadra, campo society e em determinados momentos presenciamos ensaios de brincadeiras com a bola de rúgbi no pátio da escola.

A alternância na posse de bola e a dinâmica do jogo contagiava até o professor preceptor, que participava em todas as atividades propostas, tornando ainda mais participativa a ação dos alunos.

Nas últimas aulas podemos observar que alguns alunos que tinham problemas de relacionamento, já estavam mais ambientados e que os alunos que participavam destas sessões de rúgbi conosco, estavam sempre juntos e além do mais sempre querendo poder praticar este novo esporte. Um fato que muito nos chamou a atenção foi que um dos alunos interessados na prática do rúgbi, passou a freqüentar os treinamentos da equipe de rúgbi da cidade de Volta Redonda, o Patriotas Rugby Clube. Um fato relevante a ser considerado, é



que o referido aluno possui características que o colocava em um “lugar” desqualificado para a prática de futsal e futebol, por suas características físicas, no entanto, passou a ser uma referência no jogo de frisbee, bitoque e rúgbi.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este momento de abreviação não é considerado, por nós como, um mero processo da pesquisa ou de término do trabalho, muito menos fruto de um mero procedimento metodológico obrigatório para o pesquisador que finaliza o seu estudo. O nosso processo de elaboração do problema, bem como, os pressupostos articulados na tentativa de compreendê-lo, para daí ter competência para tentar intervir, foram sendo articulados e entretecidos por análises teóricas na “concretude” dos acontecimentos cotidianos da escola pesquisada.

No estudo procuramos atingir o objetivo proposto, apresentando o rúgbi e o fresbee como elementos da cultura corporal possível para a Educação Física escolar, em decorrência de uma superação didático-pedagógica na área do ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar, possibilitando aos sujeitos envolvidos no processo – alunos e professores -, a possibilidade superar os problemas que se apresentam chão da escola.

A questão que nos moveu durante a produção da pesquisa, e posteriormente na produção do presente artigo, foi como tratar o rúgbi e o fresbee como conteúdos (esporte), possibilitando que alunos e alunas fizessem uma - “outra” - leitura da realidade, não mais na lógica da exclusão, mas utilizando o conflito, a tensão, portanto, pautado na perspectiva dialógica e dialética, buscando discutir o fenômeno esportivo entrelaçado a sua historicidade.

Percebemos que é possível desenvolver as ações pedagógicas da Educação Física escolar, por meio do esporte **da escola**, dessa forma introduzimos novas modalidades esportivas no currículo escolar que nos permitiu trabalhar a partir do jogo, da ludicidade e das questões locais, propiciando outras possibilidades de práticas corporais para os alunos tornando possível tencionar e discutir os conflitos que emergem no contexto social vivenciado pelos alunos.

O esporte foi desenvolvido através de uma abordagem que permitiu modificações na sua estrutura para que fosse possível adequá-los facilmente as condições de aprendizagem dos alunos.

O rúgbi como forma de intervenção no ambiente escolar foi uma ferramenta escolhida tratando-se de uma modalidade que agrega valores interpessoais e ao mesmo permite a intervenção dos sujeitos no processo cotidiano na reinvenção dos jogos. Neste caso o rúgbi e o fresbee por serem esportes que não “fazem” parte da cultura local e necessitar de um engrama motor diferenciado, causa no aluno uma sensação de superação que a cada aula o motiva a participar ativamente de novas aulas.

Enfim, os esportes utilizados possuem dificuldades de inserção no ambiente escolar como qualquer outro esporte que não seja o Futebol ou Futsal, porém sua aplicação apresentou-se viável como os demais esportes que estão inseridos nos currículos tradicionais de Educação Física, com algumas vantagens: apresenta um caráter inovador pela sua dinâmica, pela diferença do implemento, acarretando novas aprendizagens na recepção e condução, portanto novas aprendizagens e experiências para os alunos e alunas, o que permite a inserção ao *esporte da escola*.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:



- ALVES, Nilda. 'Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas'. IN OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP *et Alii*, 2008.
- BRASIL. **Secretaria de Educação: Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Educação Física/SEF, 1998.
- CAPARRÓZ, F. E. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular**. Vitória: CEFD-UFES, 1997.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1992.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 351.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CORDOVIL, J; ROCHA, H – O ensino do rugby: Proposta metodológica. Curso de treinadores nível 1. Federação Portuguesa de Rugby, Lisboa, 1997.
- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE RUGBY (2004), **Leis do jogo de Rugby, instruções e notas sobre as leis**, Lisboa: traduzido da edição Internacional Rugby Football Board.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. 'A Pesquisa em Educação no/do/com o Cotidiano das Escolas. In FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmem Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.
- FREIRE, JB. **Educação corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física Progressista**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1989.
- IRB, **Guia de Rugby para Iniciantes**, 2008. Disponível em <www.irb.com> Acesso em 24 de dez.2008
- LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. **Democratização da escola pública a pedagogia crítica social dos conteúdos**. São Paulo, Loyola, 1985.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SANTOS, E. A; NERY, F. C; ASSUNÇÃO, L. S; TORRES, R. S; CORDEIRO, S. M. S; As diferenças entre o esporte da escola e o esporte na escola. **Revista Treinamento Desportivo**. V 7, nº 1, p. 21 a p.28, 2006.
- SILVA, C; VIERA, R; Unidade Didáctica de Râguebi: Bitoque Rugby . 1 ed. Portugal, 2002. p.15 Disponível em <https://woc.uc.pt/fcdef/getFile.do?tipo=2&id=2538 -> Acesso em: 10 de nov. 2009
- SITE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. Disponível em <<http://www.brasilrugby.com.br>>. Its informática, Acesso em 12 de nov. 2009.
- SOUZA, M. S. **Esporte escolar: Possibilidade superadora no plano da cultura corporal**. São Paulo, Ícone, 2009.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil(1968-1984): entre a adesão e a resistência**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.
- VAZ, A.F. 'Ensino e formação de professores e professoras no campo das praticas corporais'. In: Vaz, A. F.; SAVÃO, D. T.; PINTO, F. M. **Educação do corpo e**



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

**formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de
Educação Física.** Florianópolis, SC: UFSC, 2002, p.85-107.